

HETEROGENEIDADE NA SALA DE AULA: ENTENDIMENTOS DE PROFESSORAS ORIENTADORAS DE ESTUDOS

VALÉRIA ALESSANDRA COELHO ISLABÃO¹; JULIANA MENDES OLIVEIRA

JARDIM²; MARTA NORNBORG³

¹UFPEl 1 – valerialessandra4@yahoo.com.br

²UFPEL – juoliveira2004@yahoo.com.br

³UFPEl – martaze@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta entendimentos sobre heterogeneidade na sala de aula de alfabetização a partir da análise de produções escritas das orientadoras de estudo (OE) do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Resulta de projeto de pesquisa vinculado ao Observatório da Educação/CAPES¹, que tem como um de seus objetivos acompanhar o processo de formação continuada, no âmbito do PNAIC-UFPEL, analisando suas repercussões na formação e melhoria das práticas pedagógicas no ciclo de alfabetização.

O PNAIC é um programa do governo federal em parceria com as redes públicas de ensino. As atividades de formação são realizadas por instituições públicas de ensino superior (IES), responsáveis pela formação dos orientadores de estudo que, por sua vez, conduzem os estudos com as professoras alfabetizadoras em suas respectivas redes de ensino.

A proposta tem como balizador teórico a ideia de que a formação precisa ocorrer por dentro da escola (NÓVOA, 2009). Para isso, as práticas formativas contemplam a interação e o diálogo entre sujeitos que atuam na universidade e na escola, entendendo que, “não haverá nenhuma mudança se a ‘comunidade dos formadores de professores’ e a ‘comunidade dos professores’ não se tornarem mais permeáveis e imbricadas” (p. 17). Outro aspecto é a prática do registro como estratégia formativa de desenvolvimento da profissionalidade docente. Por meio do registro, o professor pode ampliar sua capacidade de reflexão sobre a ação, além de sistematizar e socializar sua produção didática, de forma articulada com a discussão teórica do campo em estudo.

Neste trabalho, são analisados textos escritos pelas orientadoras de estudo sobre a temática da heterogeneidade em sala de aula. O objetivo é o de apresentar uma categorização inicial sobre o que entendem por heterogeneidade, especialmente no que se refere às compreensões e a sua posição sobre o trabalho com a diversidade e a diferença em sala de aula, lançando alguns questionamentos para sua problematização.

O tema heterogeneidade é abordado nos cadernos de formação do PNAIC (BRASIL, 2012). Neles, é apresentada como “algo inerente às relações humanas”, sustentando a diversidade humana como “constituente da essência do indivíduo e não à margem da mesma”. Indica como princípio didático que é preciso reconhecer que todos os aprendizes possuem conhecimentos distintos sobre o sistema de escrita alfabética, leitura e produção de texto e necessidades diferentes, tendo direitos de realizar as aprendizagens condizentes ao ano/série em que estão matriculados. Cortesão (1998) explica que a heterogeneidade

¹ Projeto de pesquisa Obeduc-Pacto: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Formação continuada de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo inicial de alfabetização (1º ao 3º ano do ensino fundamental), no âmbito do Observatório da Educação/CAPES.

presente nas salas de aula precisa ser vista “como uma fonte de riqueza” capaz de produzir resultados em relação ao processo de ensino aprendizagem.

2. METODOLOGIA

Os textos foram coletados ao longo da formação conduzida pela equipe do PNAIC-UFPEL. Nos encontros, as formadoras organizavam situações formativas com proposição de questões para mobilizar a reflexão e a escrita. Em relação à temática heterogeneidade, foram indicadas as seguintes questões: “O que tu entendes por heterogeneidade na sala de aula de alfabetização, pensando no ensino e na aprendizagem? Como trabalhar a partir dela?”

Até outubro/2013, mês em que foi feita a produção escrita, as OE já tinham participado de 88 horas de formação, das 200 previstas, e realizado leituras e estudo dos cadernos de formação em que a temática heterogeneidade estava presente como eixo teórico-metodológico de organização da prática pedagógica no ciclo de alfabetização.

Os textos coletados estão organizados em um banco de dados que possui 3.405 documentos. Destes, 443 versam sobre o tema heterogeneidade. Neste trabalho, realizamos a análise parcial de 50 textos, de duas das turmas de OE.

Para examinar os textos, buscamos apoio no método de análise temática (MINAYO, 1993) e de conteúdo (MORAES, 1999). Ambas as perspectivas fornecem pistas metodológicas para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de textos e documentos, ajudando a reinterpretar a mensagem e a alcançar uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Demarcamos dois eixos para a análise dos textos: a) entendimentos de heterogeneidade; b) posições sobre a heterogeneidade em sala de aula. Para definir as categorias, considerou-se a incidência de respostas semelhantes.

a) Entendimentos de heterogeneidade

Verificamos que os entendimentos de heterogeneidade eram bem variados. Alguns textos apresentam a heterogeneidade presente em uma característica diferente entre os alunos; outras, dão à heterogeneidade uma dimensão maior, apontando vários sentidos para caracterizar a diversidade dos alunos. Com base nesses aspectos, estabelecemos as 4 categorias:

1ª categoria – Noção ampla

Em 52% dos textos analisados (26), os registros explicitam diferentes significados para heterogeneidade, reunindo mais de uma noção/característica dos alunos do ciclo de alfabetização. Explicam que as classes são heterogêneas quando são constituídas por crianças com diferentes bagagens culturais, aprendizagens, ritmos, personalidades, nível de escrita, grupos étnicos, classe social.

Em alguns textos, a explicação sobre heterogeneidade reúne dois ou três significados, denotando entendimento de que o nível de conhecimento que as crianças têm e seus diferentes meios sociais, ritmos e formas de aprendizagem são características da heterogeneidade na sala de aula. Entre os textos das docentes que apresentam três significados, há referências ao nível conceitual de hipóteses de escrita das crianças, diferentes conhecimentos, níveis de maturidade, diferenças na personalidade, nas vivências, nos ritmos e formas de aprender.

Outro conjunto de textos indica a heterogeneidade com características que envolvem 4 ou mais acepções. Percebe-se que o entendimento é marcado pela explicitação de dimensões relacionadas à diversidade de saberes, vivências, etnias, idades, classes sociais, níveis de escrita, aprendizagens anteriores, desenvolvimento cognitivo, bagagem cultural, ritmos e formas de aprendizado, ou seja, a referência está nas condições individuais de cada sujeito. Vejamos um excerto ilustrativo: “Por heterogeneidade entende-se a diversidade de saberes, vivências, etnias, idades, classes sociais, níveis de escrita, condições individuais de cada sujeito” (OE, 2013)

2ª categoria – Noção restrita

Nessa categoria, os textos (32%; 16) versam sobre a heterogeneidade de uma forma mais restrita, com apenas um entendimento. Metade desses textos citam a diferença nas aprendizagens de cada criança; a outra metade é composta por quem vê a heterogeneidade nas hipóteses de escrita das crianças e na presença de alunos com necessidade educacional especial.

3º categoria – Sugestões de trabalho

Esta categoria reúne textos (8%; 4) em que formas de trabalho são sugeridas, indicando abordagens pedagógicas, como o trabalho em grupo e a diversificação de atividades. Apesar de não definirem o que entendem por heterogeneidade, as OE indicam estratégias pedagógicas para o trabalho a partir dela e percebem a presença da heterogeneidade no ciclo de alfabetização e sua influência no trabalho pedagógico.

4º categoria – Chavões e ideias evasivas

A última categoria engloba textos em que não se escreve sobre a temática proposta, representando 8% (4). São escritas evasivas ou chavões, como: “Diversidade é a cara do Brasil!”

b) Posições sobre a heterogeneidade em sala de aula

Observamos que os textos indicavam o posicionamento da OE em relação ao trabalho com classes de alfabetização heterogêneas e pouco sobre como trabalhar a partir dela. Os textos refletiam sobre a heterogeneidade como um “facilitador” ou um “dificultador” do trabalho pedagógico. Para isso, mapeamos termos e expressões recorrentes que eram indicativas de certo posicionamento diante do assunto, como: “um problema”; “muito difícil”; “pode proporcionar”; “temos que aproveitar”; “precisamos valorizar”; “é uma possibilidade”. Porém, no conjunto de textos, uma terceira categoria foi inferida, a da posição neutra.

1º Categoria – Posição neutra

68% dos textos (34) apresentam uma posição neutra, ou seja, são escritas que sugerem estratégias de trabalho e atividades pedagógicas, mas não explicitam se consideram a heterogeneidade, presente nas classes de alfabetização, como algo que facilita ou dificulta o trabalho pedagógico. Cabe salientar que esse número expressivo deve-se em parte ao fato de que a questão proposta não pedia um posicionamento a respeito do tema, apenas questionava como trabalhar a partir da heterogeneidade presente em sala de aula.

2º Categoria – Dificultador

16% (8) dos textos falam sobre a heterogeneidade como algo que dificulta o trabalho em sala de aula. As produções falam sobre a dificuldade de “suprir essa demanda” e transparecem o quanto a consideram uma sobrecarga, uma tarefa difícil e/ou cansativa. Vejamos:

Essas diferenças, comuns em qualquer sala de aula, são desafios para o professor, ao promover uma aula que gera entusiasmo e interesse a todos, pois como apresentam opiniões diferenciadas, receptividades

também diferenciadas sobre um mesmo assunto, e certamente irão reagir da mesma forma, positiva ou negativamente (OE, 2013)

3º Categoria – Facilitador

Em 16% (8) dos textos a heterogeneidade é entendida como facilitador do trabalho pedagógico, ferramenta à serviço do ensino, explicando que a diversidade proporciona possibilidades educativas. É um trabalho desafiante, mas também rico de possibilidades, pois “proporciona formas mais criativas de ensinar”, “favorece conflitos e a ajuda mútua”, porque “essa diferença é que proporciona formas mais criativas de aprendizagem”.

Aproveitar o conhecimento dos alunos para propor atividades em grupos e assim permitir que as crianças aprendam também com seus pares. Todas essas questões estão no bojo de uma turma heterogênea, na qual o professor aproveita desse pressuposto a seu favor e a favor dos alunos. (OE,2013)

4. CONCLUSÕES

Algumas indagações para continuar: Será que o discurso do direito à educação como algo que exige respeitar diferentes formas e ritmos de aprendizagem está no imaginário dos profissionais da educação e presente no cotidiano da sala de aula? Por que educadores percebem a heterogeneidade apenas em turmas com alunos com necessidades especiais? Seria homogênea uma turma em que não há alunos com necessidades especiais? Por que algumas professoras percebem a heterogeneidade presente apenas nos diferentes níveis de apropriação do sistema de escrita alfabética? Seriam homogêneas as turmas em que todos os alunos estão alfabetizados?

Percebemos que, em geral, as professoras que tem uma visão mais ampla de heterogeneidade não são necessariamente aquelas que a veem como um facilitador do ensino. Da mesma forma, aquelas que a veem como um dificultador não são as que tem uma visão restrita do tema, ao conceituá-la.

Considerando a análise dos textos e a complexidade do tema, entendemos que este merece atenção em cursos de formação inicial e continuada. De igual forma, precisa continuar pautando os processos de formação do PNAIC, priorizando discussões no campo conceitual e didático.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Cadernos de Formação**. Brasília: MEC, SEB, 2012. (Volumes 1 a 8)
- CORTESÃO, L. O arco-íris na sala de aula? Processos de organização de turmas: Reflexões Críticas, **Cadernos de Organização e Gestão Curricular**. Lisboa: Editora Instituto de Inovação Educacional. 1998. p. 1-15.
- MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 1993.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- NÓVOA, A. **Professores**. Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.